



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



COMPENDIOS ESCOLARES DE FILOSOFIA EM SERGIPE NO SÉCULO XIX

Marcus Éverson Santos[i]

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados da pesquisa de mestrado desenvolvido no NPGED sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento. Durante o século XIX as escolas secundárias sergipanas receberam o influxo de um objeto cultural importante para a cultura escolar da época: os compêndios e manuais escolares. Tais compêndios visavam cumprir a exigência dos regulamentos e decretos de ensino nas mais diversas disciplinas escolares dentre as quais a Filosofia. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar a análise de um desses compêndios. Trata-se de um compêndio Francês do século XIX intitulado *Questões de Philosophia* de Antoine Charma. Por seus métodos e conteúdos o compêndio de Charma visava instruir racionalmente e melhorar moralmente o coração dos estudantes na instrução secundária.

Palavras-chave:

Abstract: This work presents the results of master research developed in NPGED under the guidance of Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento. During the 19th century the secondary schools sergipanas received the influence of an important cultural object for the school culture of the season: the compendiums and school manuals. Such compendiums were aimed at fulfilling the requirement of the regulations and decrees of teaching in the most various school disciplines among which the Philosophy. Thus, the objective of this work is to show the analysis of one of these compendia. It is a compendium of French 19th century entitled *Issues Philosophia* of Antoine Charma. By their methods and contents the compendium of Charma aimed to instruct rationally and improve morally the heart of students in secondary education.

Keywords:

Na cultura escolar sergipana os compêndios escolares foram destinados as mais variadas disciplinas escolares tal como nos mostram as dissertações de Vera Maria dos Santos sobre os livros de Geografia em Sergipe do século XIX ao XX, e o de Aristela Arestides Lima sobre a instrução da mocidade no Liceu Sergipense. As bibliotecas das escolares, conventos e seminários assim como os gabinetes de leitura e bibliotecas particulares foram também espaços de circulação desses compêndios.

Ao tempo da criação da primeira biblioteca pública sergipana em 1848 e de sua instalação em 1851 (LIMA, 2005) numa sala do Convento de São Francisco em São Cristóvão, acomodavam-se lá 415 volumes. Vindos naquela ocasião em sua maioria da Bahia, o número de volumes praticamente dobrou para 837 em 1852 com as compras feitas ao livreiro João Batista Martins. Dos 837 volumes, 280 foram comprados e 577 doados. (LIMA, 2005).

Os gabinetes de leitura também contribuíram para a cultura livresca sergipana. O gabinete de leitura de Maruim fundado em 1877 foi um dos espaços mais importantes no que diz respeito à circulação livros e compêndios em Sergipe. Com dois anos apenas de fundação o gabinete chegou a contar com 677 obras em 1076 volumes. Tratava-se de uma agremiação literária formada por reconhecidas figuras da literatura como foram Thomaz Rodrigues da Cruz e Domingos José de Macedo. Em Sergipe, o Gabinete de Maruim, valeu como o mais vigoroso capítulo da tradição intelectual (AGUIAR, 1929)

Assim, embora muitos dos relatórios e documentos presidenciais revelem as condições do acervo presente na biblioteca pública, não se sabe ao certo em que quantidade circularam os livros que eram especificamente destinados ao ensino de Philosophia Racional e Moral no início do século XIX. Documentos apontam que eles chegavam aqui vindos, sobretudo, do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Já quanto aos livros destinados aos seminários e escolas os diretores da instrução pública exigiam para os municípios da corte a indicação daqueles que deveriam ser os estabelecimentos contemplados com livros tanto para o ensino primário quanto para o secundário^[ii].

Os compêndios tinham que atender as exigências das autoridades da época quanto aos saberes e métodos necessários à instrução dos moços. Não havia liberdade na escolha dos compêndios que lhe parecessem mais adequados à aprendizagem e formação do educando em Filosofia Racional e Moral (LIMA, 1995).

A primeira evidência a registrar a indicação de compêndios de Filosofia Racional e Moral para as cadeiras e escolas sergipanas encontra-se em um Relatório emitido à Assembléia Provincial pelo Inspetor Geral da província em 1856 e, posteriormente, no Regimento Interno do Liceu Sergipano de 1862 (LIMA, 1995). No Liceu Sergipense, tal como demonstrou a pesquisa de Aristela Arestides Lima os conteúdos exigidos para os exames das cadeiras de Filosofia entre os anos de 1851 a 1855 foram: 1. Divisão da Filosofia, sua utilidade e relação com as demais ciências.2. Tratado das ideias.3. Proposição4. Arte Hermeneutica5. Espiritualidade da alma.6. Liberdade da alma. 7. Existência de Deus.8. Moral individual9. Moral social.10. Moral religiosa. **Psicologia** : Teorias das faculdades da alma, da inteligência, da sensibilidade. Das atividades espontâneas e voluntárias, da demonstração da liberdade, objeto da filosofia. Da memória, da abstração, origem das ideias. Divisão da Filosofia, ordem em que devem ser expostas suas partes – necessidade de começar o estudo da Filosofia pela Psicologia. Da consciência, da atuação **Na Moral** : Dos diferentes motivos de nossas ações, será possível reduzi-los a um só Da existência de Deus. Do mal moral e do mal físico. Da divina Providência. Do mérito e demérito, das penas e recompensas, da sanção moral e da imortalidade da alma. **Na Lógica**: Do método. Da análise. Da síntese. Do silogismo.

Nas províncias sergipanas, nenhuma escola recebia da administração pública da época licença para funcionar se sua estrutura política e pedagógica não estivesse coadunada com as recomendações do pensamento católico dominante, que avaliava e indicava os manuais de ensino das disciplinas escolares. Levando em consideração essas prerrogativas, os regulamentos para o ensino esforçavam-se por garantir um método que estivesse de acordo com as regras bem estabelecidas, tomando como base a influência do pensamento espiritualista cristão que, durante o século XIX, continuou a ser muito forte entre as capitais e províncias sergipanas. (LIMA, 1995)

Assim, no Decreto nº 15, de 20 de março de 1838 (Art. 20, §2º) Art.63. lê-se: Os compêndios será propostos pelos professores, e aprovados pela Congregação. No Art. 3º § 3º que versa sobre a competência do inspetor geral diz da necessidade de dirigir e regular o ensino público designando as matérias, métodos e a composição de compêndios que se devia seguir.

As instituições particulares também ficavam sujeitas à inspeção quanto às habilidades dos professores, as doutrinas que se encarregaria de ensinar, os métodos e compêndios a serem utilizados tal como se lê no Art.136 do Regulamento da Instrução Pública nº2, de 1º de Setembro de 1858: "Os professores e diretores de estabelecimentos particulares poderão adotar quaisquer compêndios e métodos, que não forem expressamente proibidos pelo Inspetor Geral". (*op. cit.*). Assim, as aulas de Filosofia Racional e Moral do Colégio do Coração de Jesus fundado, em 1841, por Braz Diniz de Vilas Boas, em Laranjeiras,

bem como do Colégio de São Cristovão fundado, em 1847, por Padre José Barroso estavam suscetíveis à inspeção.

No Regimento Interno do Liceu Sergipano, de 06 de Outubro de 1862 nos Art. 28 e 29 esclarece-se que os professores deviam dar lições orais seguindo as doutrinas e métodos determinados para o Liceu estando vedado aos mesmos desvencilharem-se da doutrina dos compêndios adotados. (LIMA, 1995). O que nos mostra a importância dos métodos e doutrinas implicados na confecção, publicação e circulação de compêndios para a inculcação de valores (CHOPPIN, 2009).

No Regulamento Orgânico da Instrução Pública, 24 de Outubro de 1870 que criara o Atheneu Sergipense especialmente entre os Art. 56 a 197 vê-se claramente que só serão admitidos livros e compêndios autorizados pelo Diretor Geral da Instrução. Tanto para o ensino primário quanto para o secundário só podiam usar os compêndios devidamente autorizados. (LIMA, 1995).

Os textos e compêndios aprovados pela autoridade religiosa ou pelos regulamentos de ensino sugerido aos professores de Filosofia, na condição de funcionários do governo contratados por concurso e/ou por nomeação, deveriam afinar o tom dos debates filosóficos com o exigido pelos programas de ensino. De acordo com a documentação estudada por Lima, Aos professores e diretores de escolas eram imputadas regras de conduta e doutrina que impediam a execução livre e desinteressada de seu trabalho em sala de aula^[iii].

O Compêndio *Questões de Filosofia de Antoine Charma*

Para cumprir as exigências legais dos conteúdos de Filosofia Racional e Moral dois compêndios merecera destaque: *Questões de Philosophie* de Antoine Charma e o *Curso Elementar de Philosophie* de Eustaque Barbe. Ambos atendiam sob o ponto de vista metodológico e de seus conteúdos as exigências para o ensino de Filosofia Racional e Moral nas escolas secundárias.

Em 1854, constata-se a existência de livros para o Internato de Laranjeiras dentre os quais fora adotado o compêndio de Charma (Thetis, 1984). Segundo Lima (1995) no relatório do inspetor geral das aulas o Dr. Pedro Autran da Mata e Albuquerque Júnior, de 8 de junho de 1856, lê-se a recomendação de que a aula de filosofia devia usar o compêndio de Charma.

Nos acervos pesquisados não foi possível registrar a presença do compêndio de Antoine Charma exceto no acervo particular do pesquisador Jackson da Silva Lima. Lá encontramos a 3ª edição que fora adquirido pelo pesquisador a partir do website Estante Virtual pelo valor de R\$ 85,00 ao Sebo Brandão e Filha Ltda. A compra foi computada e registrada em nota fiscal nº 1404 emitida a 27/04/2012 nome do pesquisador.

O compêndio encontra-se encadernado com papel cartonado marrom. Na lombada do livro lemos o nome do autor posto em cor dourada. A data da publicação é 1860 e fora impresso pela tipografia Universal localizada a Rua do Imperador nr. 52. O compêndio fora editado e posto a venda pela Livraria dos Editores Guimarães & Oliveira em Pernambuco. O volume do acervo encontra-se em bom estado de conservação.

No compêndio de Charma contamos 255 paginas do prefácio às conclusões. Não registramos a existência de ilustrações e nem dedicatórias. No prefácio escrito por Antonio Herculano de Souza Bandeira lê-se que Antoine Charma teria desenvolvido o programa oficial da Universidade de Paris. O fato de ter recebido uma tradução para a língua portuguesa do compêndio serve-nos como mais um indício da importância de seu método e conteúdos. No volume encontramos um carimbo da Loja Maçônica Branca Dias – Biblioteca Calixto Nóbrega e o último dono teria sido José Calisto Correa Nóbrega um dos veneráveis da Loja Maçônica Regeneração do Norte - nº10^[iv].

O compêndio *Cours de philosophie. Réponses aux questions contenues dans le programme officie* -

Questões de Filosofia de Antoine Charma fora indicado pelos regulamentos e adotado para os exames do bacharelado em letras pela Universidade de Paris e recebeu tradução do francês para o português da 3ª edição por Antonio Herculano de Souza Bandeira, Recife, 1848.

O índice do compêndio encontra-se localizado nas últimas paginas do volume logo após a errata. Lá encontramos os conteúdos divididos em cinco grandes partes: Introdução; Psychologia; Lógica; Moral e Theodicea; História da philosophia.

Quadro 1 – Divisão das áreas do compêndio de Charma[D1]

PARTE	DISCIPLINAS	PÁGINAS
Primeira Parte	Introdução	1 a 13
Segunda Parte	Psicologia	13 a 102
Terceira Parte	Lógica	108 a 165
Quarta Parte	Moral e Theodiceia	170 a 235
Quinta Parte	História da Filosofia	238 a 251

Fonte: Elaborado a partir do índice das matérias do compêndio de Charma (*op. cit.*), p. .

Antoine Charma foi um ilustre filósofo Francês do século XIX. Nasceu em 15 de Janeiro de 1801 em Charité-sur-Loire e faleceu dia 5 de outubro de 1869 aos 68 anos. Foi visto como eclético e seus escritos abrangem temas como a Linguagem, a Moral, a Lógica, a Psicologia, Philosophia Social e Oriental. Foi autor de uma extensa literatura filosófica.

Seu curso de filosofia *Questões de Philosophia* havia sido traduzido para várias línguas e teve muitas edições. Suas principais obras são ainda hoje publicadas (Ver Anexo 3) dentre as quais estão: *Essai sur le langage* ; *Essai sur les bases et les développements de la moralité* ; *Leçons de philosophie sociale* ; *Leçons de logique*; *Essai sur la philosophie orientale*; *Du Sommeil*. Admite-se que seu pensamento tenha recebido influências de filósofos como Fontenelle, Malebranche, Condorcet, Kant, Victor Cousin, Moreau de la Sarthe e também de Charles Darwin, Barbey d'Aurévilly.

Antonio Herculano de Souza Bandeira, professor que traduziu o compêndio de Charma para o português foi bacharel em Direito e professor de filosofia do curso de preparatórios da Faculdade de Direito do Recife. Catedrático da Faculdade de Direito do Recife, deputado-geral da 12ª legislatura e provavelmente participante da Revolução Praieira Antonio Herculano de Souza Bandeira foi também coordenador e editor do livro Reforma eleitoral - eleição direta, que reunia textos de autores como o general José Inácio de Abreu e Lima.

No prefácio que dedica à tradução do compêndio encontramos várias representações acerca da relevância de Charma onde se lê o seguinte: "O livro do Sr Charma é um manual das questões que a philosophia atual considera como mais importantes para formar o espírito humano, discutidas e resolvidas por um método claríssimo, e ao alcance de qualquer inteligência". (Souza, 1860).

No breve prefácio de três páginas, Herculano aproveita para dizer ainda que discorda de alguns dos aspectos do livro de Charma e deixa entender que, embora já tivesse recomendado mudanças para uma nova edição, o pedido ainda não havia sido atendido. Fato esse que o leva afirmar o seguinte: "Na cadeira temos criticado as opiniões do Sr. Charma, substituindo-as por outras, quando julgamos isso conveniente" (Souza, 1860). Indício importante para entendermos que tais compêndios não eram seguidos na integra pelo professor responsável pela disciplina.

Ainda no prefácio Antonio Herculano de Souza indica que a boa recepção do compêndio de Charma fez com que ela circulasse nas aulas de Philosophia Racional e Moral tanto da província Pernambucana onde fora editado, quanto nas províncias do Norte. Ele esclarece também que deixou de publicar a parte histórica tendo em vista ser demasiadamente extensa para um compêndio. Justifica ainda o fato de ter deixado

apenas um resumo da História da Philosophia uma vez que ela não era positivamente exigida para os exames preparatórios pelos Estatutos da Faculdade de Direito, onde no art.53 cita apenas a Philosophia Racional e Moral (Souza, 1860).

Logo depois do prefácio segue-se a introdução onde Charma explica o objeto da philosophia sua utilidade e importância e suas relações:

O universo, isto é, a coleção completa dos entes, considerados quer em si mesmos quer em as relações de toda natureza que eles sustentam ou podem sustentar entre si, tal é o objeto da sciência. O seu fim é ensinar ao homem qual é a sua função especial no jogo deste vasto systema, e como pode e deve ele harmonizar o seu movimento próprio como o movimento universal (Charma, 1860, p.1).

Charma deixa claro ainda o entendimento bem particular que ele tem da filosofia e de sua utilidade. Com isso, passamos a ter um forte indício de que havia uma preocupação com a concepção de philosophia e a ordem com a qual se encontravam organizados os conteúdos no compêndio:

A sciência do fato exterior, com o qual estamos em commercio, é-nos evidentemente útil; porque só por ella é que realmente a esse facto podemos tomar na terra a posição que mais nos convém. A sciência do instrumento de que nos devemos servir para realizar tal ou tal acto, é indispensável para seu bom uso: e será por ventura ociosa a sciência do sujeito, de quem parte esse acto, e o qual ele torna sempre de uma ou d'outra maneira O espirito é ao mesmo tempo esse sujeito e esse instrumento; e na mór parte das circunstancias também é esse facto exterior. (Charma, 1860, p.3-4)

Vê-se então que, segundo Charma, a philosophia era vista como uma "sciência do espírito" o que implica afirmar que há relações profundas entre ela e as demais "Sciências" "Physicas" e "Naturais". O advento da ciência moderna e a sucessiva incorporação do método experimental aos diferentes ramos do saber aparecem como exigências para que se possa harmonizar a atividade filosófica com as verdades científicas. O impacto deste acontecimento fica muito claro no compêndio de Charma e é facilmente notado pelo fato de que, desde então, a atitude filosófica passa a se confundir com a exigência de estabelecer uma demarcação metodológica. O advento da ciência moderna reconfigurou definitivamente, o próprio fazer filosófico (ALMADA, 2009).

Com isso o compêndio de Charma nos deixa entrever a exigência de se estabelecer critérios mediante os quais podemos definir um discurso como filosófico e/ou científico. Uma das consequências centrais e inexoráveis do advento da filosofia e ciência modernas e do significado da Revolução Científica foi a da reforma do espírito de modo que este não mais se situasse em um plano semelhante ao da literatura e da religião.

No entendimento de Charma todas as sciências dependiam da philosophia. Não há "sciência", sem "methodo". O método, por sua vez, "[...] é um instrumento, que todos os gêneros de investigações são obrigados a receber das investigações filosóficas". (Charma, 1860, p. 5).

No caso especialmente da Psychologia do seu método e da necessidade de começar por ela o estudo da philosophia Charma dirá: "A psychologia é a sciência teórica do espírito humano. Toda sciência propõe-se sobre o seu objeto certas questões, que aspira a resolver". (Charma, 1860, p.18). Dessa forma Charma entendia que as questões que a Psychologia se propunha em face do espírito humano reduziam-se a três:

1ª Questão: Quase são consideradas em si mesmas, e solitariamente, as propriedades pelas quaes o espirito humano se manifesta 2ª Questão: Qual é considerada em si mesma, e solitariamente, a substância sobre a qual assentam estas diversas propriedades 3ª Questão: Quaes são as relações que unem: 1º estas diversas propriedades entre si; 2º estas propriedades a esta substância de uma parte, e de outra tudo o que obrando sobre ellas, todavia se distingue delas, isto é, os fenômenos quer materiaes quer espirituais, por meio e sob a influencia dos quaes nós viemos (Charma, 1860 p.18)

Vê-se de que modo para Charma o método psychológico é o verdadedeiro método filosófico, o pensamento é posto como mais seguro de si mesmo do que qualquer outra coisa; mesmo que nos coloquemos em situação de duvidar tal afirmação temos que nos colocar frente àquela necessidade do pensara:

[...] os que começam pela Theologia recebem e admitem, semoperceber, os primeiros dados sobre que se firmam; e não será evidente que aquelles que põe a logica à frente do cursos, se vêem forçados a descrever as nossas operações intellectuaes, isto é, a fazer a psychologia da intelligência, antes de nos propor para cada uma dessas operações as regras a que as querem submeter (Charma, 1860, p.19)

Esse solipsismo lógico o qual Charma escolhe a Psychologia como propedêutica ao seu compêndio, será seguido pela a importância da Lógica e dos Juízos que fazemos sobre as coisas. Cabe a Charma, na parte referente à Lógica, indicar quais as leis que regem a forma correta do raciocínio, a saber, o methodo analytic. Todos os progressos científicos advem, segundo Charma, da analyse e da synthese a que o pensamento filosófico é capaz de fazer. Charma testemunha que:

[...] os lógicos chamam methodo analytic ou analyse àquelle que se eleva, como dizem, do simples ao composto, do particular ao geral, isto é, que comçam pela anlyse e acaba na syntehe; e methodo synthetic ou syntehe à aquelle que desce do composto ao simples, do geral ao particular; isto é, que começa pela synthese acaba pela analyse. (Charma, 1860, p.110)

Com o que se mostra o debate sobre o methodo chama-nos a atenção para outras vezes que representaram o espirito de uma época quando o debate era ciência. Dito isso, Charma não esconde a forte influencia que recebera do filósofo inglês Francis Bacon quando diz: "A antiguidade apenas as conhecia, e foi isso o que fez dizer com razão a Bacon que a sciência antiga adivinhava, antecipava a natureza; entento que pelo contrário, a sciencia moderna se esforça por interpretá-la" (Charma, 1860, p.110).

Estando bem alicerçado em que pé Charma discute a ordem metodológica de seu compêndio e porque, segundo ele, essa ordem é a melhor para conduzir o espirito dos alunos não deixa escapar a necessidade de discutir o objeto da moral. Moral e Theodicéia é o assunto da penúltima parte do compêndio. Se, como diz Charma, a Lógica é a arte de pensar, também se pode dizer que a moral é a arte de querer. Com que tipo de vontade Charma pretende lidar: [...] a vontade, que se determina pró ou contra a ação. (Charma, 1860, p.170). Tal preocupação com a vontade se dá porque, como dirá Charma, o homem é, sobretudo, uma vontade livre; e como tal, pode chegar tanto ao vício quanto a virtude (Charma, 1860).

Para Charma o estudo da moral se dividia em dois; a "moral geral" e a "moral especial" onde lê-se o seguinte:

A moral geral, ou ciência do dever, verifica a existência da lei obrigatória, descreve os seus caracteres, e a rodeia de condições. A moral especial, ou ciência dos deveres. Segue o agente nas diferentes posições em que o coloca a lei, quer a respeito e si mesmo, quer a respeito dos outros entes com os quaes ele se pode achara em relação. (Charma, 1860, p.172)

Na quarta parte do compêndio a Moral encontra-se ao lado da Teodicéia^[v]. Para Charma sendo a Teodicéia parte da Filosofia, pretende demonstrar racionalmente a existência e os atributos de Deus. Para isso, usa apenas a razão humana, sem utilizar nenhum registro sagrado. Prevê que existe um Deus que nos dá livre-arbítrio, ou seja, opção de escolha. As escolhas, porém, não sendo feitas com responsabilidade, conduzem o homem ao mal natural ou o mal moral.

Na quinta e última parte do compêndio, Charma cumpre a promessa de por a disposição dos alunos um breve resumo da História da Philosophia (ver Anexo 1) e do método a ser aplicado. Segundo Charma a história da philosophia é a reprodução dos simbolos sob os quais se tem produzido a atividade filosófica. O método a ser empregado devia ser o científico. Charma apropria-se de Victor Cousin para dividir os sistemas filosóficos em quatro tendências: *o sensualismo*, *o idealismo*, *o scepticismo* e *o mysticismo*. Para Charma somente a ordem lógica podia guiar esses sistemas, e não a ordem etnográfica e cronológica.

Charma entendia que a filosofia podia tirar boas vantagens da sua própria história tal como elencamos no quadro seguinte:

1º Não podemos conhecer perfeitamente a humanidade senão estudando todos os seus desenvolvimentos sucessivos; 2º Queremos estudar o homem em si, e solitariamente, é condenarmos a não conhecer senão o homem actual; 3º A história mostra-nos a que consequências extravagantes pode um princípio, aparentemente razoável, chegar no seu progressivo desenvolvimento, e por isso mesmo ella nos ensina a sermos circumspectos no estabelecimento dos nossos princípios; 4º O pensamento fecunda o pensamento, e mais de uma descoberta há nascido do commercio das philosophias diversas, que teem sucessivamente ocupado a scena com as philosophias do passado; 5º Muitas hyphoteses históricas esperam, para se converterem em verdades scinetíficas, por similhante vista retrospectiva; 6º A philosophia só com a continuação e com o progresso se pode aperfeçoar; e não pode uma geração continuar as gerações precedentes, quando não as conhece; 7º Os diferentes dogmatismos, que se combatem na história, por isso mesmo que são exclusivos, geram necessariamente um dogmatismo compreensivo, que os aproxima e os resume a todos. (CHARMA, 1860, p.251)

No compêndio de Charma não encontramos ilustrações, indicações bibliográficas nem notas de rodapé de onde pudéssemos ver as vozes com quem ele havia dialogado para a construção do compêndio. Durante a leitura e, especialmente na parte relativa à história da filosofia, faz-se menção a Sócrates (p.240), Descartes (p.240) e as suas obras *Meditações Metafísicas* e o *Discurso do Método*; Bacon e seu *Novo Organum* (p. 246), Victor Cousin (p.238). O destaque a esses autores se deve a importância e as contribuições feitas ao método. Os demais autores são suscintamente destacados nos tópicos e seções entre as páginas 238 a 250.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já destacamos a produção de compêndios visava atender às necessidades dos professores que no início do século XIX ditavam as lições para os alunos copiarem (BITTENCOURT, 2008). Ainda segundo

Bitencourt (2008), o livro escolar começa a despontar na cultura escolar a partir do século XVIII e costumavam veicular conteúdos e métodos específicos para serem utilizados a princípio pelos professores.

Entretanto, os indícios indicam que, no caso especialmente do compêndio de Charma o mesmo havia sido destinado tanto para os professores quanto para os alunos. Diferentemente dos compêndios escolares para professores, encontramos ao fim de cada tópico um questionário provavelmente para testar a habilidade dos alunos em ler e interpretar as lições. São pelo menos 37 páginas com questionários e aproximadamente 335 questões. Provavelmente deve ter surgido disso a ideia do título que Charma deu a seu compêndio "*Questões de philosophia*".

Ao analisar os questionários do compêndio de Charma (ver Anexo 2) é possível perceber de forma sinóptica os conteúdos exigidos em cada uma das áreas do conhecimento Racional e Moral. O que se revela uma estrutura marcadamente organizada para as necessidades do aluno em se instruir nos conteúdos exigidos pelos exames preparatórios.

Nesse sentido, portanto, os compêndios ou manuais de ensino que circularam nas províncias sergipanas visavam cumprir as exigências da cultura escolar da época. Além dos compêndios escolares foi possível encontrar rastros dessa cultura nas escolhas curriculares previstas nos estatutos, regulamentos dos seminários, liceus e escolas do século XIX. O maquinário intelectual de Charma enfrentou o desafio de compilar o extenso conteúdo das ciências filosóficas tornando-as acessíveis a instrução sem perder de vista a efetividade de seu propósito, a saber, o de instruir e melhorar o ânimo dos moços a partir dos saberes racionais e morais consubstanciados na disciplina Filosofia Racional e Moral. A instrução racional para fortalecer o espírito científico e a moral para alimentar o coração na retidão do caráter.

NOTAS

[i] Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe e Mestre em Educação UFS/NPGED.

[ii] Jornal do Aracaju Ano III nº 236 de 31 de Janeiro de 1879.

[iii] O autor se vale de extensa fonte documental — teses, monografias, artigos, jornais, regulamentos e livros —, com os quais constrói seu roteiro descritivo dos principais momentos da história dos estudos filosóficos em Sergipe. A partir disso, estabelece uma periodização: a fase inicial ou preparatória (1831-1870), a fase de estruturação ou autonômica (1871-1932), e a fase contemporânea (a partir de 1932).

[iv] A Loja Maçônica Branca Dias é uma casa maçônica Brasileira localizada em João Pessoa, capital da Paraíba e fora fundada em 10 de janeiro de 1918.

[v] O termo foi criado em 1710 pelo filósofo Alemão Gottfried Leibniz num trabalho intitulado *Essais de Théodicée sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme et l'origine du mal*. O propósito do ensaio era demonstrar que a presença do mal no mundo não entra em conflito com a bondade de Deus, ou seja, não obstante as diversas manifestações de iniquidade no Mundo, este é o melhor dos mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

COLEÇÃO DAS LEIS DO IMPÉRIO de 12/05/1840. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM105.htm. Acesso em 12 de agosto de 2012.

REGULAMENTO. Lei nº 165 de 21 de Março de 1846. Doc. 36. cx. 03. E.F.D. LICEU SERGIPENSE.

CHARMA, A. **Questões de Filosofia.** Tipografia Universal - Livraria dos Editores Guimarães & Oliveira em Pernambuco, 1860.

AGUIAR, Joel. **Escorço histórico do Gabinete de Leitura de Maroim 1877 – 1927** – Gráfica Gutenberg Aracaju, 1929.

BARBE, Eustaque. **Curso Elementar de Filosofia** – para uso das escolas. Tradução de Joaquim Alves de Souza, professor do Liceu Nacional de Coimbra a partir da 4ª edição original. Livraria Clássica de Nicolau A. Alves, 1871.

BEVILÁQUA, Clovis. **História da Faculdade de Direito do Recife.** 2. ed. Brasília: INL, 1977.

BURKE , Peter. **Variedades de história cultural.** Tradução de Alda Porto. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CALAZANS, Pedro. O ensino público em Aracaju de 1830 a 1871. *In: Revista do Instituto Histórico de Sergipe*, n 20, 1949-1951, vol.XV.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. Tradução de Maria Helena C. Bastos. *In: Revista História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel. Pelotas, v 13; n 27 p. 9-75, jan/abr. 2009.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construtores de identidade:** a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira. São Paulo: Iglu, 2004.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-biográfico sergipano.** Rio de Janeiro, 1925.

H AidAR, Maria de Lourdes Mariotto. **O ensino secundário no Império brasileiro.** São Paulo, Grijalbo, Ed. da Universidade Federal de São Paulo, 1972.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de Gizele de Souza. *In: Revista Brasileira de História da Educação.* Campinas: Editora Autores Associados, n. 1, jan/jun. 2001.

LIMA, Aristela Arestides. **A instrução da mocidade no Liceu Sergipense: um estudo das práticas e representações sobre o ensino secundário na Província de Sergipe (1847 -1855).** Dissertação de Mestrado defendida em 2005.

LIMA, Jackson da Silva. **Estudos filosóficos em Sergipe.** Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe.** Aracaju: Sociedade Paz e Terra, 1984.

_____. **Sergipe Provincial II (1840 – 1889).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Aracaju, SE: Banco do Estado de Sergipe, 2006.

[D1]Modifiquei o título do quadro, verifique se tem pertinência.